

Apresentação

A edição de número 11 da Revista Rebento recebeu artigos originais, ensaios visuais, traduções e entrevista que tratam dos campos da Arte/Educação, do ensino das artes (visuais e cênicas) e da mediação cultural, priorizando narrativas de professores e pesquisadores que atuam nessas áreas, em profícuo diálogo com criatividade, educação estética, imagem, corpo e cognição. É, assim, um volume que investiga a interdisciplinariedade e a memória nas experiências formativas em Artes, orientando-se pela participação, no corpo de editores, da Profa. Dra. Rejane Galvão Coutinho e do doutorando Prof. Ms. Sidiney Peterson.

O volume divide-se em dois grupos de produções textuais e visuais. O primeiro Bloco organiza-se como um Dossiê, intitulado "Histórias e memórias do ensino da arte", que recupera as reflexões e encontros promovidos no Seminário "Histórias da Arte/Educação: diálogos com Ana Mae Barbosa", realizado pelo GPIHMAE (Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Imagem, História, Memória, Mediação, Arte e Educação), no Instituto de Artes-UNESP, em agosto de 2016. O segundo Bloco, que recebeu o título "Narrativas de aprendizado: educação estética, criatividade e corpo", reúne colaborações de artistas e pesquisadores que atuam no campo relacional da Arte/Educação e Teatro-Educação.

O Seminário "Histórias da Arte/Educação: diálogos com Ana Mae Barbosa", que ocupa posição de destaque neste volume 11 da Rebento, contou com a participação de pesquisadoras e pesquisadores que, em seus trajetos de mestrado e doutorado, foram orientados pela arte/educadora Ana Mae Barbosa ou que, de alguma maneira, tiveram suas pesquisas impulsionadas pelos estudos historiográficos empreendidos por ela. Os textos elaborados pelas/os participantes do evento aguardavam uma ocasião para serem publicados, e diante da chamada deste número da Rebento, as autoras e autores que participaram do Seminário foram convidadas/os a retomar seus textos e apresentações, reescrevendo-os para compor este Dossiê.

Uma concepção de história como possibilidade de construção de conhecimentos norteou aquele evento e as pesquisas então apresentadas. Como olhamos e como

escrevemos as histórias? Como afirma Rita Bredariolli: “[...] histórias, se escrevem com tempo, palavras e imagens”¹. Palavras que, na acepção de Arlete Farge, precisam ser “escolhidas” para produzir “[...] abalos, desmentir as evidências, inverter o habitual fio indulgente do conhecimento científico”. Existe, certamente, ao pensar no uso das palavras para a escrita da história, continua Farge, maneiras mais adequadas de submetê-las para além das restituições “mornas de um acontecimento”, ou ainda, “de um objeto histórico”. Essas, diz a autora, marcam lugares “[...] onde o sentido se desfez, produzindo ausência lá onde reinam as certezas”².

O texto que abre o Dossiê, “Um lugar para a História da Arte/Educação nas universidades”, traz uma reflexão, em primeira pessoa, de Ana Mae Barbosa sobre sua trajetória acadêmica imbricada com suas pesquisas e publicações no âmbito da história do ensino de artes, ressaltando a importância de uma série de simpósios e seminários realizados em 1984, 1986 e 1989 onde ela procurou divulgar e exercitar o pensamento histórico nas universidades. Ana Mae faz história e provoca movimentos historiográficos com suas revisões e atualizações. E mesmo diante de sua trajetória generosa, ela inicia e finaliza o texto lamentando a ausência da dimensão histórica nos cursos de formação de professores de artes, o que reforça a necessidade de demarcar mais uma vez o terreno com este dossiê.

O foco das pesquisas nos textos aqui apresentados trazem à luz personagens e circunscrevem significativas experiências de formação. Entre as personagens, destaca-se, Mário de Andrade, que aparece no texto de Rejane Galvão Coutinho, “Mário de Andrade e a Arte/Educação”, por um viés pouco conhecido entre suas atuações, o de colecionador de desenhos de crianças, na primeira metade do século XX. Suas ideias incidem diretamente no campo da Arte/Educação, legando ainda um acervo de imagens para estudo que revela processos de ensino, apropriações de uma cultura visual que aparece como índice ainda na contemporaneidade.

¹ BREDARIOLLI, Rita. Histórias: dos caminhos de tempo, o chitão de palavras em um borbotar de palavras. **ANAIS do XXIV Congresso da Federação de Arte/Educadores do Brasil (ConFAEB)**. Ponta Grossa, 2014.

² FARGE, Arlette. **O sabor do arquivo**. São Paulo: EDUSP, 2009.

Outro personagem, o educador Nerêo Sampaio, é tratado por José Roberto Pereira Peres, no texto "Fernando Nerêo de Sampaio, Engenheiro-Arquiteto, Artista e Educador: um intelectual da arte-educação". Fernando Nerêo de Sampaio atuou também na primeira metade do século XX na então Capital Federal, o Rio de Janeiro, influenciando na formação de professoras e professores em defesa do ensino de Desenho e Artes.

As experiências de formação são objetos de estudo em textos que procuram traçar algumas significativas rotas de formação do século XX, da primeira Escola Profissional Feminina de São Paulo (fundada em 1911), ao Curso de Especialização em Arte/Educação da ECA/USP (que funcionou entre 1984 e 2001), passando pelo Curso Intensivo de Arte na Educação da Escolinha de Arte do Brasil (criado em 1961), à experiência única do Festival de Inverno de Campos de Jordão de 1983, subversiva, podemos dizer, ao ser dedicada às professoras e professores de artes da rede pública de ensino do estado de São Paulo. Tematizam essas experiências as escritas de Carolina Marielli Barreto, no texto "Profissionalização Feminina e o Ensino de Arte: Um diálogo com a Escola Profissional Feminina de São Paulo"; Guilherme Nakashato, em "Dos desvios e das transformações: histórias e narrativas do Curso de Especialização da ECA/USP (1984-2001)"; Sidiney Peterson Ferreira de Lima, no texto "Escolinha de Arte do Brasil (EAB): algumas ressonâncias"; e Rita Luciana Berti Bredariolli, "ComMemorações", que explora intensamente o cruzamento entre textos e imagens, para consagrar o impulso de transformação praticado no Festival.

As questões referentes à mediação cultural, desde diferentes perspectivas, espaços e tempos, estão presentes em textos que rememoram processos de pesquisa e de formação. São eles, de autoria de Valéria Peixoto de Alencar, "Histórias da mediação Cultural", sobre a profissionalização do educador e da educadora em museus e exposições de arte, e concepções de educação no museu moderno, e de José Minerini Neto, "Ana Mae Barbosa: terna e eterna orientadora", que discorre sobre a história do ensino da arte nas Bienais de Arte de São Paulo. As relações entre tecnologias e ensino de artes são também postas em perspectiva histórica, na contribuição de Fernanda Pereira da Cunha, "A Estética dos Castelos de Areia Tecnológicos: Processos históricos da (des)valorização educacional brasileira".

Fechando o Dossiê, apresentamos dois textos que ampliam o diálogo com a história do ensino de artes na América Latina, aproximando e confrontando relatos, especialmente com a detida reflexão sobre o contexto do México, de Laura Irene González Gómez e Hugo Enrique Vázquez Morales, em "Arte y Educación en México: Una reflexión a través de sus Instituciones", e com os apontamentos de Ramón Cabrera Salort sobre importantes pensadores latino-americanos da educação pela arte, na tradução do artigo "Pensadores latinoamericanos de Educación por el Arte: apuntes de esperanza", publicado pela primeira vez em português.

Passamos ao segundo Bloco desta edição, em torno de narrativas de aprendizado, explorando aspectos da educação estética, criatividade e corpo. Abre o bloco o artigo "Processos de Criação, Cognição e Arte/Educação", de Patrícia Marchesoni Quilici, que investiga os processo criativos em artes, a fim de destituir certas assunções mitificadoras sobre a obra e o artista, aproximando esses processos da Arte/educação. A seguir, Beatriz Ruiz Candolo Vilas Boas de Oliveira e Lilian Freitas Vilela escrevem "Arte Absorvida das disfunções: uma experiência no Instituto de Artes da Unesp", comentando descobertas de processos em artes junto aos integrantes do Arteinclusiva, projeto de extensão em que transgressão artística se integra à perspectiva social. A atitude disruptiva também é abordada por Caz Ângela Apolinário Arruda Rodrigues e Dodi Tavares Borges Leal, em "Pedagogia de Programas Performativos: 'Pacote de Performances de Autocuidado e de Proteção' ", que trata da criação de programas performativos, com vistas a discutir e encorpar questões de transgeneridade, no ambiente formativo.

A memória e a tradição pedagógica no campo das artes cênicas, em especial no teatro, são consideradas em três textos. São eles "O Silêncio Conceitual na Formação do Ator", em que Tiago Fortes aprofunda-se no debate filosófico sobre o silêncio nas práxicas de Stanislavski e Grotowski e seus continuadores; "Memória e Narrativas Trapeiras: apontamentos pedagógicos para corpos vivos", texto de Renata Kely Silva sobre o tensionamento entre treinamento corporal e controle, na perspectiva foucaultiana; e "Memórias e aprendizados de experiências pedagógicas de encenação (des)convergentes = nós-lá Brasília (2007), nós-aqui palmas (2017)", relato de Bárbara Tavares Santos sobre a pedagogia da encenação, na experiência acumulada da

professora de teatro em cursos de formação, em que os modelos de criação colaborativa e coletiva mostraram-se práticas formativas legítimas, tanto para os estudantes quanto para a própria docente. O debate é amplificado para o ambiente do circo, no texto de Walter de Sousa Junior, com o título "Interação entre Gerações de Palhaços no Projeto "Entre Risos e Lágrimas: o Teatro no Circo", do Centro de Memória do Circo (SP)", que narra a dimensão singular da transmissão direta, de geração em geração, do saber dos mestres da palhaçaria.

Na seção "Traduções", a tradução inédita de *Zu den Lehrstücke* ("Para as Peças de Aprendizagem"), texto de Bertolt Brecht trabalhado por Mariana Sapienza Bianchi, nos permite conhecer a perspectiva do autor alemão para a ideia de aprendizado. A tradução vem acompanhada de artigo introdutório, que considera os percalços da tradução cultural, na apreensão das proposições de Brecht no Brasil; análise útil nos contextos do ensino formal e não-formal.

Nas duas últimas seções deste volume 11 da Revista Rebento, o ensaio visual de Camila Serino Lia, "Cartografia de um processo de pesquisa baseada em arte/educação", oferece uma visão poética da exploração de materiais em sua experiência de pesquisa em Arte e Educação, em instituições culturais e museus; enquanto a entrevista "O Ensino de Artes Cênicas na Educação Básica: desafios e caminhos", realizada em parceria por Rosyane Trotta e Andrea Bieri, volta nossa atenção para a prática docente de seis professoras que militam, ensinando artes e teatro, na Educação Básica no Brasil.

Às leitoras e leitores, desejamos um bom passeio, quiçá um bom mergulho nas histórias!

Rejane Galvão Coutinho

Sidiney Peterson F. de Lima

Lúcia R. V. Romano